



# PROCESSOS POLÍTICOS QUE ENVOLVEM A PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

---

Thaislayne Nunes de Oliveira  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora

Ano 2019



# PROCESSOS POLÍTICOS QUE ENVOLVEM A PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

---

Thaislayne Nunes de Oliveira  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P963	Processos políticos que envolvem a produção e organização do espaço [recurso eletrônico] / Organizadora Thaislayne Nunes de Oliveira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-889-2 DOI 10.22533/at.ed.892192312  1. Geografia humana – Pesquisa – Brasil. I. Oliveira, Thaislayne Nunes de.  CDD 304.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

É sabido que o seres humanos se organizam no tempo-espaço e modificam-se a partir das respectivas relações sociais de dada a conjuntura histórica. Nesse sentido, evidencia-se a modificação das paisagens naturais transformadas milenarmente, no Brasil e no mundo, que foram determinadas por padrões socialmente construídos e balizadas por avanços científicos e tecnológicos. Entretanto, não podemos perder de vista que as transformações geográficas são intrínsecas aos processos de organização da sociedade, sobretudo no que tange a geopolítica e os contextos: histórico, cultural, social, econômico e político.

O livro “Processos Políticos que envolvem a Produção e Organização do Espaço” é composto por oito artigos, que tratam de diferentes situações locais articulados as mudanças globais. Para tanto, foi subdividido em dois blocos centrais, o primeiro composto por aspectos relacionados à globalização e análises internacionais. E no segundo os autores tratam de casos da realidade brasileira.

De maneira introdutória os autores realizaram análise acerca da transformação da paisagem, abordando aspectos relacionados ao desenvolvimento local, regional e necessidade de adequações aos parâmetros globais, a chamada globalização. De mais a mais, os autores narram às fragilidades dos ajustamentos locais mediante as necessidades globalizadas, que perpassam a configuração do mercado, consumo, valor e lucro, sobremaneira por ser tratar de uma sociedade inerente à ordem capitalista.

Esse foi o “start” da discussão internacional, que aborda questões relacionadas a fronteiras territoriais e outras situações da contemporaneidade, inicialmente exibindo a experiência das cidades localizadas na República Dominicana e no Haiti, e, posteriormente discorrendo sobre os conflitos geopolíticos por recursos minerais no Congo, oportunizando a apresentação da construção histórica deste país.

O segundo bloco é composto por textos que versam sobre a realidade brasileira. Apresentando experiências dos Estados Mato Grosso do Sul, Maranhão, São Paulo (Santos), Rio de Janeiro (Resende) e também uma análise regional. Neste bloco a discussão permeou aspectos sobre a construção da educação e memória geográfica do Brasil, o processo de desenvolvimento urbanístico das relações sociais, o avanço tecnológico e reflexões sobre o processo da globalização. Abordando ainda a discussão sobre indígenas, camponeses e quilombolas.

Além disso, os autores evidenciam a construção do espaço urbano, que foi analisada sob a ótica da desproteção do Estado e respectivas mazelas sociais, que são engendradas ao processo de urbanização e industrialização. Os últimos capítulos revelam estudos de casos em cidades da região sudeste do Brasil, os quais refletem os diferentes tipos de situações associadas à (re)configuração das cidades, conformação das grandes metrópoles, reestruturação produtiva, expansão urbana e dinâmica das transações imobiliárias.

Neste livro, o leitor poderá aproximar-se da discussão da organização do espaço,

inclusive com ponderações sobre os diferentes momentos históricos e processos transversais. Cabe destacar que o assunto é mundialmente pertinente e atual, uma vez que as problemáticas vivenciadas por todos os países influem também nas relações exteriores, tal como a situação dos refugiados. Logo, reafirma-se a relevância de analisarmos a construção do espaço e aspectos documentadamente inerentes.

Afinal, para compreendermos aspectos presentes no contexto atual faz-se necessário aprendermos o desenrolar das conformações históricas da sociedade, que justificam os padrões construídos e as modificações milenares, e, fundamentam a construção do conhecimento da atualidade. Embora essa afirmação seja inequívoca, com as fragilidades do contexto atual faz-se necessário reafirmarmos as obviedades. Sendo assim, ratifico a importância desta leitura, que evidencia análises imprescindíveis e contemporâneas.

Thaislayne Nunes de Oliveira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM – O SACRIFÍCIO LOCAL PELO ZELO GLOBAL	
Geovana Freitas Paim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
ZONAS TRANSFRONTEIRIÇAS, DELIMITAÇÃO SOCIOESPACIAL E TERRITORIAL DO ESTADO: O CASO DA CIDADE DE JIMANÍ (REPÚBLICA DOMINICANA) E POSTO FRONTEIRIÇO DE MALPASSE/ FONDS-PARISIEN (HAITI)	
Guerby Sainté	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
CONGO: CONFLITOS GEOPOLÍTICOS POR RECURSOS MINERAIS	
Dante Severo Giudice	
André Lucas Palma Barbosa	
Cíntia Silva de Jesus	
Mariana Oliveira Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
AS TECNOLOGIAS E A RELAÇÃO LOCAL-GLOBAL: DISCUTINDO DIVERSIDADE E CONFLITOS NA DISCIPLINA DE GEO-HISTÓRIA E TERRITORIALIDADES	
Jaqueline Machado Vieira	
Rodrigo Simão Camacho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>56</b>
MEMÓRIA E ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICA NA CASA DO IDOSO DE IMPERATRIZ – MA	
Diego Armando de Sousa Paz	
Fernanda Ferreira Silva Sanches	
Allison Bezerra Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
IDEAL DE CONSUMO E URBANIZAÇÃO: A VIOLÊNCIA URBANA E SUAS FACES NAS METRÓPOLES DO SUDESTE BRASILEIRO	
Kauê Santos Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>86</b>
PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, OS SISTEMAS POLÍTICOS E A PRIMAZIA DA CIDADE DE SANTOS, SP	
Hilmar Diniz Paiva Filho	
Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923127</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>97</b>
REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA EM CIDADES MÉDIAS: DINÂMICA IMOBILIÁRIA RESIDENCIAL E EXPANSÃO URBANA EM RESENDE- RJ	
Marília Baldo Simões	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8921923128</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>110</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>111</b>



## TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM – O SACRIFÍCIO LOCAL PELO ZELO GLOBAL

**Geovana Freitas Paim**

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEO).  
Contato:geovanapaim@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo aborda as semelhanças e diferenças entre Parques Eólicos e Perímetros de Irrigação, considerados projetos vultuosos para o desenvolvimento local. Com metodologia comparativa, utiliza-se os aspectos visuais da paisagem do perímetro de Irrigação Maniçoba-BA e do Parque Eólico Cristalândia-BA. Como a implantação desses veem para sanar problemas globais produção de alimentos e energia, respectivamente, discute-se aqui até que ponto valem a pena as transformações de ambas paisagens. Percebeu-se que existem fragilidades na transformação socioeconômica de onde estão situados, colocando em evidência os discursos de sustentabilidade global que está por trás de ambos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem, Energia, Sustentabilidade.

### 1 | INTRODUÇÃO

Poderíamos nos perguntar o que os Parques Eólicos e os Perímetros de Agricultura Irrigada, dois projetos aparentemente

tão antagônicos, teriam em comum? As aproximações não são mera coincidência. Ambos constituem grandes projetos desenvolvimentistas que para a região Nordeste se encarregam de um desenvolvimento regional e local auspiciosos. Tal qual na Amazônia, a região Nordeste vem experienciando projetos que são o avesso da vocação territorial propondo melhorias profundas para a população. Estes tipos de projetos não são ruins, em sua concepção, pois criam um dinamismo local evidente, mas não cumprem com o propósito a que são chamados: redução da pobreza com transformação social por meio do seu progresso.

Parques Eólicos e Perímetros de Irrigação também se aproximam pelo fato de terem uma causa global para dar conta. O primeiro, a redução do carbono para atmosfera, auxiliando no trato do efeito estufa planetário. O segundo, na produção de alimentos para sustentar uma população crescente. Não se pretende aqui negar as contribuições destes empreendimentos para a economia local e até regional, mas é necessário declarar o rebatimento deles em tuas categorias relevantes na geografia: paisagem e território.

Observa-se na história do Brasil, um certo determinismo geográfico nas explorações das paisagens, uma vez que a presença de recursos

naturais importantes (água, terras, minérios e madeira) determinaram a apropriação de espaços geográficos e causaram profundas transformações. Desde o período colonial até aqui, a paisagem é a primeira instância a ser afetada para sustentar as demandas da matriz energética em voga. Cita-se, como um bom exemplo, as paisagens da costa brasileira, na qual o Pau-Brasil, presente em toda a Mata Atlântica no século XVI, foi a madeira exclusivamente utilizada como combustível energético dos engenhos, indispensável para o desenvolvimento do sistema de produção açucareiro (ROCHA, 2009). Como já sabido, o resultado é a concentração populacional no litoral e a degradação das paisagens cobertas por florestas que abrigavam o Pau-Brasil.

No caso dos perímetros de Irrigação nordestinos, estes avançaram pelos vales úmidos da região Semi-Árida na segunda metade do século XX, sob o discurso de ser a melhor alternativa para reduzir os flagelos causados pela seca à população. Os Rios Jaguaribe, Parnaíba e São Francisco foram palco do estabelecimento da agricultura irrigada utilizada dentro de uma política de desenvolvimento enfatizando-se a função social dos mesmos e a promoção do desenvolvimento regional, face às desigualdades vistas da região nordeste perante as demais.

Localmente se estabelecem sob a égide do Estado para funcionarem como ilha de modernidade e riqueza, mas acabam ficando estagnados por causa de políticas públicas equivocadas e imediatistas. Não promovem emancipação e causam fragilidade ambiental, pois há fragmentação da paisagem natural e fragilidade na relação do homem sertanejo com a terra, pois estes na maioria dos casos são obrigados a lidarem com cultivos exóticos à região. Não deve ser fácil para o sertanejo acostumado a plantar milho, feijão, mandioca, passar a plantar uvas, bananas e azeitona.

Contrário ao que se projetou, muitas famílias que vivem nestes espaços encontram-se dependentes do programa Bolsa Família, correspondendo no ano de 2012 a 49,6% do total de famílias residentes ali, conforme avaliou Buainain e Garcia (2015). Estes perímetros irrigados podem não só terem pobreza, mas também causar pobreza, uma vez que a mão de obra que não é absorvida pela irrigação migra para as cidades próximas, corroborando para ampliação de aglomerados subnormais (VIEIRA, 2015).

Como bem pontuado por Dourado (2014) em seu trabalho intitulado “Projetos Desenvolvimentistas nas Terras do sem-fim”, novos territórios no Nordeste, especialmente em regiões que sofrem com a seca, são criados dentro da estrutura perversa do capitalismo. O desdobramento que se observa nos Perímetros de Irrigação são processos de desterritorialização, expropriação, precarização do trabalho e miséria, postos como inevitáveis na trajetória rumo ao progresso e modernidade.

No caso dos Parques Eólicos, este tipo de empreendimento já foi experienciado em países da Europa e agora estão sendo inserido com intensidade no Brasil, que assim como os Perímetros de Irrigação, vem com uma capa de salvação para o planeta, porém isto pode ser muito mais um marketing ambiental impetuoso.

Segundo Bell et.al (2005), em sua pesquisa na Europa, a instalação de Parques

Eólicos causa a Síndrome do “não no meu quintal”. Isso significa que apesar da maioria da população ser favorável a este tipo de empreendimento, a instalação dos aerogeradores esbarra em atitudes negativas individuais. No imaginário da população a energia eólica é uma boa ideia, desde que não esteja “no meu quintal”. Os autores propõem uma discussão sobre o “hiato social” e a “lacuna individual”, quer dizer: o existente entre o alto apoio público à energia eólica (expressado em pesquisas de opinião) e a baixa taxa de sucesso alcançada no desenvolvimento de energia eólica no momento em que indivíduos tem uma atitude positiva em relação à energia eólica em geral, mas opõe-se ativamente à instalação de um Parque Eólico. Na opinião geral é um empreendimento interessante, mas traz particularidades negativas tais como ruídos, abertura de estradas com intensificação de tráfego, impacto visual, movimentos de pessoas estranhas ao lugar, dentre outros.

Como exposto, entende-se que tanto em Parques Eólicos como em Perímetros de Irrigação, são percebidas mudanças multi-escalares a nível social e natural. Busca-se neste artigo realizar um exame crítico da disseminada ideia de progresso trazida por estes tipos de empreendimentos. Toma-se aqui como elos problemas no solo e mudanças na paisagem decorrentes de suas atividades de funcionamento. Parte-se do princípio ainda que estes empreendimentos megasalvadores, inseridos não pela sua capacidade de transformação permanente, mas sim por alianças políticas-institucionais flexíveis não tirou os benefícios pujantes apenas do discurso midiático.

## **2 | PERÍMETRO DE IRRIGAÇÃO MANIÇOBA E O PARQUE EÓLICO CRISTALÂNDIA. – MODIFICAÇÕES DAS PAISAGENS. ONDE ESTÃO AS BENESSES?**

Bertrand (2004), frisa que a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos dispartados. Mas, consiste num recorte, fruto da combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. Esta evolução ocorre por causa de fatores da natureza ou pode se dar por causa de fatores econômicos, políticos e sociais. Neste contexto, propõem-se nesta seção aproximar dois projetos fortemente transformadores da paisagem: Agricultura Irrigada e Energia Renovável.

Toma-se aqui como elementos comparativos o Perímetro de Irrigação Maniçoba, situado na região norte da Bahia, distando 38 km da cidade de Juazeiro e o Parque Eólico de Cristalândia, localizado no sudoeste baiano, no município de Brumado. O primeiro impacto é a quebra da homogeneidade de uma paisagem em prol de projetos desenvolvimentistas, provocando uma alteração da fisionomia original. Na Figura 01 nota-se o perímetro em dois momentos do tempo. O primeiro alguns anos após a sua criação e o outro num tempo recente.

O bolsão de produtividade foi criado na Caatinga. A reflexão é sobre as implicações

que trazem estes projetos ao longo do tempo. O perímetro de irrigação Maniçoba conta com 4.201ha de áreas irrigáveis, sendo que estas terras estão distribuídas para grandes proprietários (54 empresas) e pequenos proprietários (232 colonos). Nestas são desenvolvidas culturas perenes (uvas, manga, goiaba, etc), com sistema de distribuição de água por gravidade e irrigação por sulco. Na contramão da produção, infelizmente, a estrutura técnica/assistencial fica aquém do desejável, deixando os proprietários dos lotes suscetíveis ao problema da salinização.

A salinização segundo Withemore, 1975 apud Cordeiro, 2001, ocorre geralmente em regiões áridas, sendo provocada pela alta taxa de evaporação e baixa precipitação, que associadas às condições geomorfológicas e hidrológicas, condicionam a formação de solos com teores elevados de sais solúveis e sódio trocável. No estudo de Cordeiro,2001 ele assinala que os sais que causam a salinização do solo são advindos do transporte de água vertical e horizontal do solo.



Figura 01: Imagens comparativas do Perímetro de Irrigação Maniçoba em Juazeiro-BA. A primeira é do ano de 1984 e a segunda de 2016. Destaca-se o adensamento da agricultura ocorrido neste período e a antropização das margens do Rio São Francisco à esquerda da imagem.

E, apesar da origem da água utilizada nos perímetros de irrigação serem de boa qualidade, a exemplo do rio São Francisco, o manejo tanto da água como do solo é ruim. Normalmente, os sistemas favorecem às perdas, deixando o acúmulo de água no solo e não há acompanhamento sistemático do balanço de sais.

Este é um problema recorrente nos perímetros do Rio São Francisco. No entanto, os problemas não se encerram aí. Conforme estudos apresentados por Paim (2008) para o Perímetro Maniçoba, foi observado o processo de desmatamento para criação e funcionamento deste espaço, onde notou-se por tratamento de imagens de satélites, que a paisagem tornou-se um mosaico, com pedaços de vegetação nativa, neste caso Caatinga, sobrando em alguns lotes, que acabaram ficando sem conexão uns com os outros (Figura 02). A falta de planejamento ambiental do perímetro, resultante de um olhar exclusivamente econômico, impacta por exemplo os serviços ecossistêmicos, a exemplo da polinização e deslocamento de animais.



Figura 02: Paisagem do Perímetro Irrigado, destacando a agricultura irrigada entremeada pela Caatinga.

Conforme exposto no gráfico 01, a nível comparativo, uma paisagem externa ao perímetro foi analisada. Percebeu-se que na paisagem interna do perímetro (PI) de 1976 à 2006, o número de fragmentos de Caatinga sai de menos de 50 para 200, enquanto que na paisagem externa (PE) a quantidade se mantém inferior à 50 fragmentos no mesmo período. Isso indica uma fragmentação da paisagem, entendendo-se aqui como algo preocupante aos próprios colonos visto que a modificação extrema de qualquer ambiente natural, pode desencadear prejuízos ambientais como perda de biodiversidade, fragilizando a conjugação produtividade e conservação biológica.

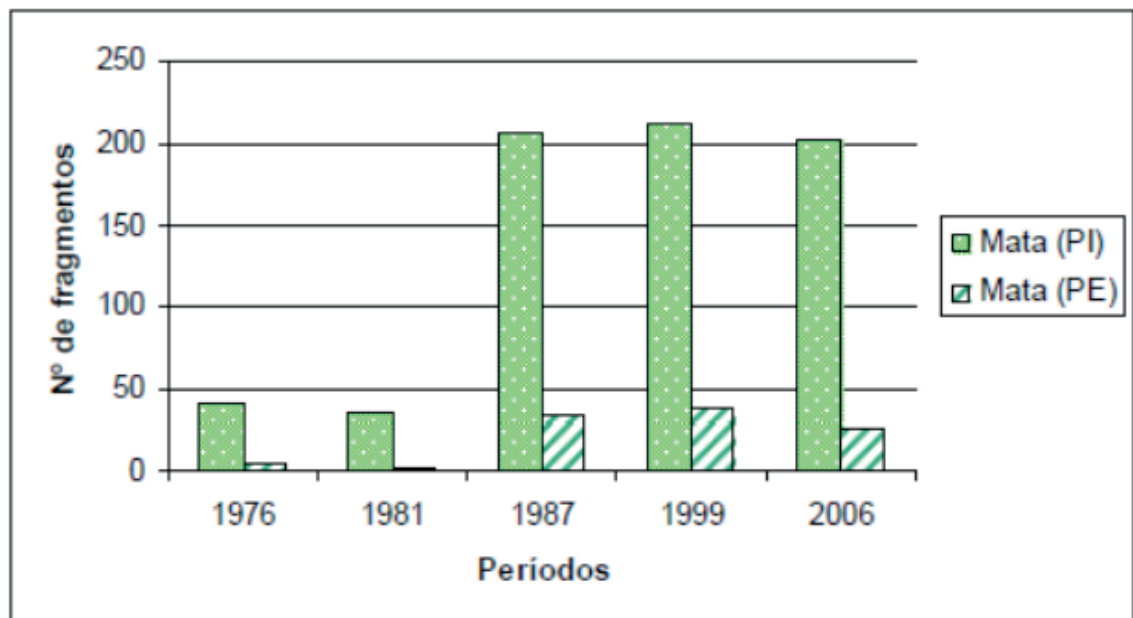


Gráfico 01: Fragmentação da Paisagem do Perímetro de Irrigação Maniçoba.

Fonte: A autora, 2008.

A análise sobre este perímetro, nos convida a compreender o quanto este projeto promoveu melhorias das condições da sociedade. Segundo o último Censo de 2010

o município de Juazeiro possui 197.965 habitantes e mesmo tendo outros agropolos, 81,2% da população vive na área urbana. Atualmente existem 46.161 famílias inscritas no Cadastro Único de Programas Sociais, como o Bolsa Família. Deste número, 1.790 são de agricultores ou familiares (Brasil, 2018). O IDHM é 0,67, considerado médio. A taxa de analfabetismo é de 10,1% (próximo ao valor do Estado que é 10,3%). Assim, a inserção de um perímetro de irrigação para o município não significa que este conseguirá atingir níveis socioeconômicos admiráveis nem para o município e nem dentro do próprio perímetro, porque conforme afirma Dourado (2011, p. 119), o desenvolvimento prometido em perímetros de irrigação não se efetiva por

[...] não existir uma política de integração das atividades agrícolas desenvolvidas nos projetos de irrigação com as práticas agrícolas locais, nem mudança na estrutura fundiária, porque ainda que os lotes para irrigação não sejam grandes, a produção neles requer altos investimentos, a que os camponeses caatingueiros e trabalhadores da terra, não dispõem, tampouco, têm acesso junto às instituições credoras. Por isso, a modernização da agricultura presenciada no Semiárido nordestino, assim como em todo o Brasil, é conservadora e dolorosa.

O que percebe-se é que mesmo depois de três décadas após a implantação deste grande projeto desenvolvimentistas, não se alcançou o resultado esperado. Mas, novos projetos de mesmo cunho, semelhantes a este, se distribuem pelo Estado, sobretudo em espaços mais pobres. Silva (2010), faz uma crítica sobre a devastação das paisagens sociais e naturais pelo progresso, que sob o disfarce do desenvolvimento, indica que se esgota o tempo para imaginar, negociar e construir outro futuro relevante, que terá início no 'dia depois do desenvolvimento'. Este dia é esperado e paira no imaginário de uma população que trabalha para elevar as condições de trabalho e de vida, mas difícil de ser concretizada.

Com relação aos projetos desenvolvimentistas no ramo de energia, as mudanças atuais da matriz energética brasileira trazem à tona novos rumos no que diz respeito à produção de energia. O consumo acelerado de combustíveis fósseis e o aumento da demanda por produtos derivados deste tipo de matéria-prima, sabido como esgotável, foi o vetor para a criação de um novo cenário energético, cujo elemento principal são os Parques Eólicos. Atualmente, o Brasil possui mais de 520 parques eólicos, 6.600 aerogeradores funcionando, 32 bilhões de dólares investidos e 13 Gigawatt de capacidade instalada (ABEEOLICA, 2018).

Na diversificação das fontes primárias de energia no Estado da Bahia entre os anos de 2012 e 2016 obteve-se a taxa média de crescimento de 14,50% ao ano. Tal crescimento deve-se basicamente à entrada em operação, desde 1992, da indústria Suzano Papel e Celulose (ex Bahia Sul, em Mucuri), da Veracel Celulose (Eunapólis), em 2005, das Usinas Termoverde (2011) e Pituçu Solar (2012), ambas em Salvador, e de 68 parques eólicos que representam 1.750,14 MW de capacidade de geração de energia (BAHIA, 2017).

O Estado possui 16 municípios abrigando 99 parques. Os referidos parques

concentram-se na região norte e sudoeste do Estado aproveitando os bons ventos nas linhas de cumineiras das serras, localizadas, sobretudo no Piemonte da Chapada Diamantina. A expansão dos parques eólicos chega com o discurso de criar um outro bolsão de desenvolvimento, sendo comparado ao Pré-Sal dos Ventos.

O mapa do Índice de Desenvolvimento Municipal (IDHM)<sup>1</sup>, mostra que os municípios que abrigam estes parques possuem o IDHM variando entre baixo e médio (Figura 03), o que nos leva a refletir que nestes espaços, sobretudo na região norte onde o índice é predominantemente mais baixo, há uma situação de pobreza e subdesenvolvimento. Isso talvez justifique o planejamento dos gestores municipais para receberem estes empreendimentos. Em alguns municípios como Caetité e Campo Formoso diferentes empresas instalaram 21 parques eólicos e 13 parques respectivamente. Santos (2003) chama a atenção que o planejamento é um instrumento do capital, na medida em que consciente das nossas estatísticas permite que o capital internacionalizado se imponha por toda parte, na tentativa de produzir mudanças positivas para a sociedade. No caso dos espaços em que os Parques Eólicos estão esta fé é cega porque pouco se sabe sobre o seu real poder de transformação das condições socioeconômicas da população e da melhoria dos seus espaços.

---

1 O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano (Fonte: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idhm.html>).

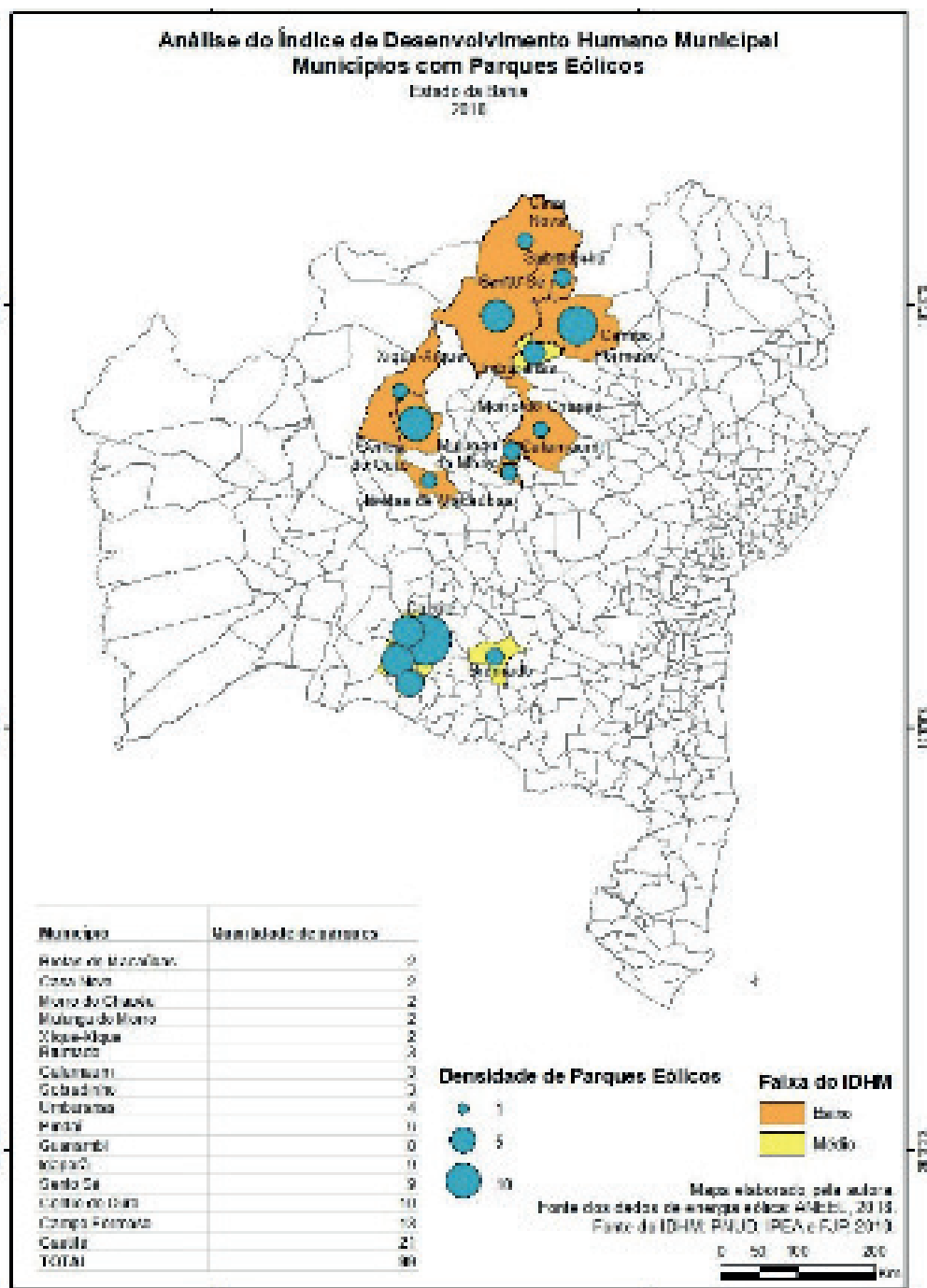


Figura 03: Espacialização dos Parques Eólicos no Estado da Bahia e sua relação com o desenvolvimento municipal.

As figuras 04 (A, B e C) ilustram um pouco da paisagem onde estão os parques na região sudoeste, onde diversos problemas relacionados à erosão foram desencadeados. Isso afeta não só o solo, mas seu uso e os mananciais hídricos que estão próximos. As transformações recentes das paisagens interferem também na forma de pastorear o gado, pois as serras passam a ter cercas para isolamento dos parques, além disso a criação de estradas onde só existiam pequenos acessos modificou a rotina e o cotidiano da vida no campo. O aumento da circulação de pessoas e o tráfego nas estradas de chão batido cobrem de poeira as casas simples das pessoas que ali vivem. Sobre as paisagens rurais, o processo da globalização, na qual a estrutura das novas matrizes energéticas estão embutidas, forçou uma similaridade entre paisagens



rurais e as paisagens urbanas.

Carneiro (1998), verificou que a globalização é um processo que atua com voracidade sobre o campo, inserindo bastante “racionalidade urbana” sobre o mesmo, através da lógica do processo de trabalho e da produção. Assim, as transformações observadas não se referem apenas ao commuting, ou seja, o ir e vir do homem do campo para a cidade numa relação de absoluta proximidade. Observa-se além de máquinas modernas e automáticas em diversos processos produtivos do campo, que cada vez mais as pessoas deste meio estão ocupadas com atividades não agrícolas. E mais, ocorreu nos últimos 10 anos uma profunda mudança imagética do campo, muito comum no passado: bichos, lavouras, matas e rios. Tais elementos são pouco vistos, frente ao processo de apropriação destes espaços por atividades não-agrícolas, a exemplo de um empreendimento de energia eólica.

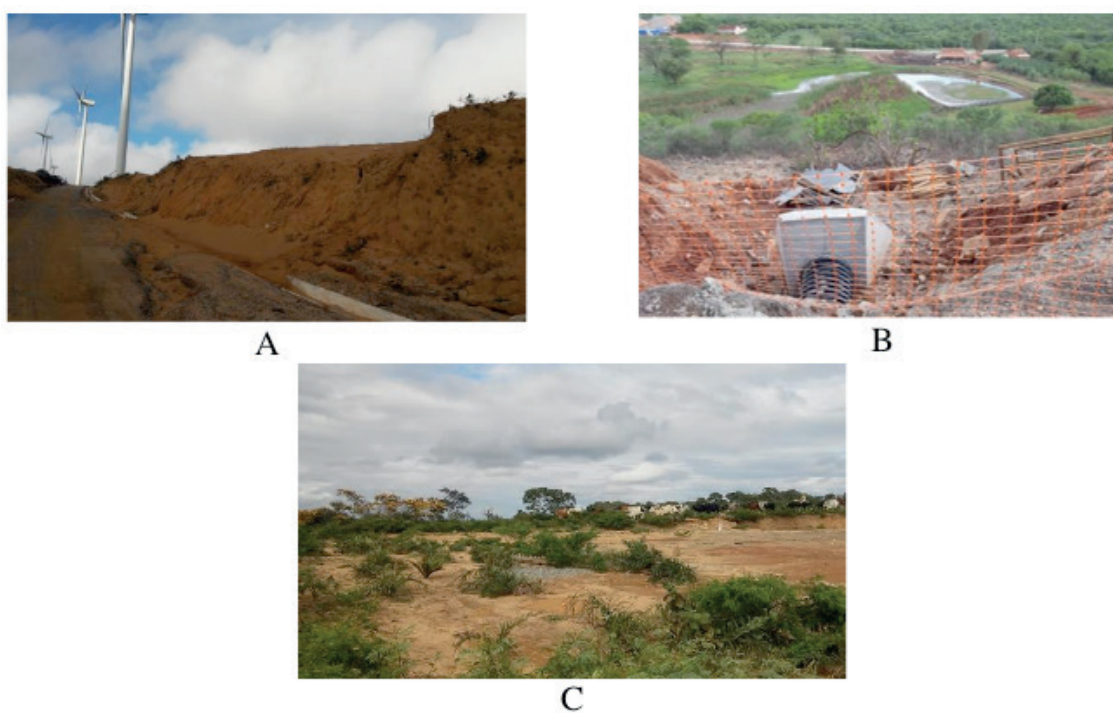


Figura 04: A. Queda de talude no acesso aos aerogeradores – Parque Caetité 1, município de Caetité. B: Estruturação viária e de rede de energia na comunidade rural de Cristalândia, município de Brumado. C. Pastoreio do gado no Parque Caetité 2, município de Caetité.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações no espaço geográfico provocadas por projetos desenvolvimentistas refletem em primeira instância nas paisagens. Estas nos últimos anos tem sofrido os efeitos da globalização e expansão do capital. Estes projetos para se instalarem em qualquer espaço geográfico traça o discurso da relevância de produção de algo que servirá para atender uma sociedade global, mas que também se encarregará de trazer benefícios para a população local. Neste contexto, identificou-se neste trabalho similaridades entre os Perímetros de Irrigação Agrícola e os Parques Eólicos. Percebeu-se que por evidência ainda empíricas, ambos apresentam

fragilidades do ponto de vista da transformação socioeconômica de onde estão situados.

A mudança da matriz energética brasileira e baiana, cujo maior investimento tem sido na energia eólica, carrega um discurso de sustentabilidade para o planeta, evitando que toneladas de carbono cheguem à atmosfera. Os Perímetros Irrigados, a exemplo dos que estão no Rio São Francisco, trazem a ideia de que produzem um polo de produção de alimentos que alimentará uma população global crescente. E, com a missão de zelo global, inúmeros sacrifícios têm sido postos ao espaço local.

No caso dos Perímetros de Irrigação a redução e fragmentação da vegetação nativa é evidente. Quanto à vegetação trata-se da Caatinga, um bioma exclusivamente brasileiro, mas pouco reconhecido no tocante à sua proteção. Assim, cria-se problemas para os serviços ecossistêmicos. Além disso, a ausência de uma assistência de qualidade aos agricultores no manejo da água e do solo causa problemas de salinização. Corre-se o risco portanto de problemas futuros quanto à redução da produtividade e até abandono de terras.

A respeito dos Parques Eólicos, estes se apropriam de uma paisagem seleta (topos das serras) e miram transformações globais, com apoio sobretudo dos países desenvolvidos que necessitam destes projetos de redução de carbono. O desenvolvimento prometido aos espaços que abrigam projetos destas envergaduras precisa ser melhor analisado. Municípios mais pobres então passam ser mais atrativos, pois neles o discurso de transformação vertiginosa encontra um campo profícuo, que se desdobra em ações políticas e institucionais. Finalizo, refletindo que projetos como os trazidos aqui parecem contraditórios pois o mesmo projeto que dinamiza uma localidade traz também ameaças a mesma. Cabe o aprofundamento das variáveis relacionadas e descobrir como a sociedade tem respondido às estas novas conjunturas.

## REFERÊNCIAS

ABEEOLICA, 2018. Estudo ABDI: **Ventos que trazem empregos**. Disponível em <http://abeeolica.org.br/noticias/estudo-abdi-ventos-que-trazem-empregos>. Acesso em 29 de junho de 2018.

AGENCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA (ANEEL). **Banco de Dados de Informações**. Disponível em <http://www2.aneel.gov.br/aplicacoes/capacidadebrasil/capacidadebrasil.cfm>. G - Banco de Informações de Geração. Acesso em 28 de junho de 2018.

BAHIA. Secretaria de Infraestrutura.Coordenação de Desenvolvimento energético. Bahia. **Balanco energético 2017**: série 2000-2016. Salvador: CODEN, 2017.123 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário. **Relatórios de Informações Sociais**. RI Bolsa Família e Cadastro Único. Disponível em <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIv3/geral/relatorio.php#Contato%20da%20Gest%C3%A3o%20Municipal>. Acesso em 01 junho de 2018.

CARNEIRO, M.J. Ruralidade: novas identidades em construção. Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural, Natal, agosto, 1997. BUAINAIN, Antonio Marcio e Garcia, Junior Ruiz. **Polos de Irrigação no Nordeste do Brasil**. Confins. Consultado o 22 maio 2018. URL : <http://journals.openedition.org/confins/10031> ; DOI : 10.4000/confins.10031.

CORDEIRO, Gilberto Gomes. **Salinidade em Agricultura Irrigada (Conceitos básicos e práticos)**. Petrolina, PE: Embrapa Semi-Árido, 2001.

DOURADO, J. A. L. Expansão do agrohidronegócio no Semi-árido nordestino e os conflitos por terra e água: revisitando a questão campo-cidade. In: SANT<sup>ª</sup>ANA, Raquel Santos; CARMO, Onilda Alves do; LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. **Questão agrária e saúde do trabalhador: desafios para o século XXI**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p.115-126.

ROCHA, Yuri Tavares. **Pau-Brasil e a transformação da paisagem da floresta Atlântica**. in: SANTOS E NUCCI (org.). paisagens geográficas: um tributo a Felisberto Cavaleiro. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2009. p.180-196.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD); INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); Fundação João Pinheiro. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/home>. Acesso em 01 de julho de 2018.

SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. Edusp, 2003.

SILVA, J. de S. **Aridez mental, problema maior: contextualizar a educação era construir o dia depois do desenvolvimento" no Semi-Árido brasileiro**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Campina Grande, PB, junho de 2011.

TOLMASQUIM, M.T; GUERREIRO, A; GORINI, R. **Matriz Energética Brasileira: Uma perspectiva**. Revista Novos Estudos, n.79, Novembro de 2007.

VIEIRA, WASHINGTON LUIZ PEIXOTO. **A irrigação no nordeste: uma abordagem histórica do perímetro irrigado Icó-Lima**. Campos.2015. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Thaislayne Nunes de Oliveira:** Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (2013), com especialização na modalidade Residência Multiprofissional em Saúde Pública pelo Hospital Universitário Antônio Pedro (2015). Em 2017 se tornou Mestre em Política Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense. E inicia Doutorado no mesmo programa e universidade em 2018, pesquisadora e bolsista vinculada a Coordenação de Aperfeiçoamento da Pesquisa de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área de concentração Avaliação de Políticas Sociais e linha de pesquisa Avaliação de Políticas de Seguridade Social. Atualmente tem se dedicado a pesquisa com mulheres com câncer de mama, buscando identificar a trajetória do cuidado em saúde e aspectos que podem influir no acesso ao diagnóstico, tratamento e recuperação da doença. Possui experiência profissional na Previdência Social e na Assistência Social, e atualmente é Assistente Social na área da Saúde vinculada ao Núcleo de Apoio à Saúde da Família, no município do Rio de Janeiro. Atua ainda como palestrante em diversas atividades realizadas pela própria Prefeitura e também pela Universidade Estácio de Sá. A autora possui experiência nas áreas: direitos sociais, políticas públicas, seguridade social, envelhecimento, violência, rede socioassistencial, entre outros.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Campo 7, 8, 9, 10, 11, 21, 36, 37, 38, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 61, 62, 63  
Camponeses 6, 36, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 78  
Capital 7, 9, 16, 17, 30, 33, 39, 41, 44, 45, 49, 50, 52, 83, 84, 89, 90, 91, 93, 94, 108, 109  
Capitalismo 2, 39, 48, 52, 79, 82, 85, 90  
Capitalista 38, 47, 48, 49, 52, 54, 79, 92, 107  
Cidades 2, 12, 15, 17, 19, 27, 30, 39, 73, 78, 79, 80, 81, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 107  
Conflito 16, 23, 28, 31, 33, 34, 35, 46, 49  
Consumo 6, 42, 47, 72, 73, 74, 76, 79, 82, 83, 84, 98, 107

### D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 15, 19, 29, 39, 41, 48, 50, 52, 57, 58, 59, 60, 63, 67, 69, 73, 74, 76, 77, 80, 86, 88, 89, 92, 93, 98, 101, 102, 107, 108  
Desigual 39  
Desigualdade 83, 84  
Dialética 36, 37, 46, 73  
Dialético 41, 48

### E

Econômico 4, 16, 18, 19, 20, 21, 33, 50, 60, 73, 75, 82, 88, 89, 90, 106, 107  
Educação 7, 11, 16, 36, 37, 38, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 63, 70, 71, 81, 84  
Energia 1, 3, 6, 9, 10  
Eólica 3, 9, 10  
Eólicos 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10  
Espaço 2, 4, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 29, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 56, 61, 63, 64, 72, 73, 76, 78, 79, 82, 83, 86, 87, 89, 92, 94, 96, 97, 104, 106, 108, 110  
Estado 2, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 31, 34, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 105, 106, 107, 109

### F

Família 2, 6, 10, 22, 47, 48, 59, 60, 63, 89, 110  
Familiar 47, 48, 57, 59  
Famíliares 6, 51, 59, 62  
Fronteiras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 40, 55, 61, 102  
Futuro 6, 87, 95

### G

Geografia política 56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 69, 70  
Geográfico 1, 9, 16, 19, 22, 44, 46, 61, 64  
Geopolítica 13, 18, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 71

Global 1, 9, 10, 31, 36, 37, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 73

Globalização 8, 9, 16, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 47, 55, 64, 71, 74

## I

Idosos 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Imobiliária 97, 98, 105, 107

Indígenas 38, 44, 45, 50, 51, 52, 87

Industrialização 72, 73, 78, 92

## L

Local 1, 9, 10, 12, 33, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 87, 92, 94, 102, 107

## M

Memória 56, 58, 61, 62, 63, 64, 70, 71

Mercado 19, 20, 21, 29, 30, 33, 76, 77, 78, 84, 89, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 108

Mercadoria 12, 16, 19, 21, 48, 74, 75, 76, 82

Metrópole 89

Movimentos 3, 16, 19, 27, 30, 31, 36, 37, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 109

## N

Nacionais 12, 13, 18, 36, 37, 41, 59, 63, 71

Nacional 10, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 22, 28, 49, 53, 57, 61, 70, 71, 72, 78, 82, 92, 95, 99, 106

Natureza 3, 15, 23, 39, 43, 46, 49, 50, 54, 60, 63, 64, 75, 90, 106

## P

Paisagem 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 11, 14, 51, 109

Pobreza 1, 2, 7, 30, 73

Política 2, 6, 12, 13, 14, 16, 18, 21, 24, 25, 31, 43, 46, 49, 50, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 84, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 100, 110

Progresso 1, 2, 3, 6, 96

## Q

Quilombolas 38, 44, 45, 50, 51, 52, 55

## R

Reestruturação produtiva 97, 98, 106, 109

Regional 1, 2, 24, 25, 48, 87, 93

Relações 12, 13, 15, 16, 19, 21, 27, 30, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 61, 63, 74, 75, 83, 86, 95, 97, 99, 104, 107, 108

## S

Seres humanos 38, 47, 64

Ser humano 39, 45, 46, 62, 73, 76, 80

Sociais 3, 6, 10, 16, 19, 23, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 60, 61, 62, 64, 71, 73, 74, 75, 77, 81, 82, 83, 86, 104, 108, 110  
Social 1, 2, 3, 10, 16, 23, 29, 30, 31, 39, 41, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 98, 101, 107, 108, 110  
Sociedade 5, 7, 9, 10, 14, 30, 31, 33, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 62, 63, 67, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 90  
Socioeconômica 1, 10, 43, 57, 60, 81, 94  
Socioespacial 12, 13, 15, 46, 84  
Solo 3, 4, 8, 10, 61, 71  
Sujeitos 28, 34, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 77

## T

Tecnologia 37, 38, 39, 40, 53, 90  
Territorial 1, 12, 13, 15, 16, 19, 22, 27, 36, 37, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 55, 61, 77, 86, 93, 97, 98, 107  
Território 1, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 71, 78, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 100, 108

## U

Urbanização 54, 72, 73, 78, 83, 84, 88, 93, 95, 97  
Urbano 16, 48, 72, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 102, 108

## V

Valor 6, 13, 21, 33, 74, 75, 76, 102, 103  
Violência 34, 51, 72, 73, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 110

